

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Eloá de Araujo Nagipe

“COMER REZAR AMAR”: REFLEXÕES EXPLORATÓRIAS SOBRE A VIAGEM E SUAS REPERCUSSÕES

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Prof. Dra. Miriane Sigiliano Frossard.

Juiz de Fora

2016

“COMER REZAR AMAR”: REFLEXÕES EXPLORATÓRIAS SOBRE A VIAGEM E SUAS REPERCUSSÕES

“EAT PRAY LOVE”: EXPLORATORY REFLEXIONS ABOUT THE TRAVEL AND YOUR REPERCUSSIONS

Eloá de Araujo Nagipe¹

RESUMO

A viagem é composta por etapas que envolvem a motivação que a antecede, o seu decorrer e as repercussões geradas no seu fim. O trabalho proposto faz uma análise dessas etapas presentes no filme “Comer Rezar Amar”, realizando reflexões exploratórias, com cunho antropológico, acerca das mesmas e do sujeito viajante. Passando pelas motivações da viagem, são abordadas ideias de autores que fazem considerações sobre o que leva o indivíduo a partir do seu cotidiano. Em seguida abre-se uma breve discussão sobre o perfil da personagem viajante e a forma como ela se comporta nos destinos escolhidos. O artigo encerra-se abordando as repercussões geradas pelo trânsito entre o cotidiano e o anticitidiano produzidas pela viagem, concluindo sobre a possibilidade de transformação pessoal proporcionada pelo ato de viajar.

PALAVRAS-CHAVE: Viagem. Motivação. Repercussões

ABSTRACT

The travel consists of steps involving the motivation that precedes it, its course and impact generated at the end. The proposed work is an analysis of these steps present in the movie "Eat Pray Love", performing exploratory reflections with anthropological, about the same subject and the traveler. Passing through the motivations of the travel, authors of ideas are discussed making considerations about what leads the individual from their daily lives. Then opens a brief discussion of the profile of the traveler character and how it behaves in the chosen destinations. The article ends by addressing the impacts generated by the traffic between the daily and the non-routine produced by travel, concluding about the possibility of personal transformation provided by the act of traveling.

KEYWORDS: Travel. Motivation. Repercussions

INTRODUÇÃO

“Comer Rezar Amar”, dirigido por Ryan Murphy, foi baseado no best seller de mesmo título da autora e narradora/personagem Elizabeth Gilbert. O longa traz em seus 133 minutos os dilemas da protagonista Liz (Elizabeth Gilbert), interpretada por Julia Roberts. Liz é uma escritora, residente na cidade de Nova York, que passa por uma crise pessoal em que se questiona sobre sua vida, pois não consegue se enxergar na rotina que tem e no seu casamento. Entre o divórcio e uma nova paixão, essas questões se tornam mais fortes e ela sente falta de viver algo diferente em sua vida. Para tal, Liz decide viajar um ano por três destinos: Itália, Índia e Indonésia.

O título do filme representa as principais atividades realizadas pela personagem em cada destino visitado. Na Itália Liz descobre novos prazeres despertados pelo idioma e pela gastronomia local. Na Índia ela dedica seu tempo ao trabalho voluntário e ao aprendizado da devoção em um *ashram* (retiro). Na Indonésia ela passa seus dias sob os ensinamentos de um xamã, com a intenção de exercitar o equilíbrio no seu dia a dia através da meditação, mas os imprevistos da viagem a levam ao encontro de um inesperado amor.

“Comer Rezar Amar” tem em sua narrativa toda a dinâmica das etapas da viagem, desde a escolha dos destinos até a despedida dos mesmos pela personagem. O comportamento da personagem-viajante, suas

¹ Graduanda em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: eloaharaujo@hotmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientadora: Prof. Dra. Miriane Sigiliano Frossard.

experiências e os reflexos causados por elas são colocados em evidência na trama. Esses elementos trazem à tona reflexões sobre o ato de viajar e as possíveis transformações geradas no indivíduo que viaja.

O objetivo do trabalho é fazer uma reflexão exploratória sobre as etapas da viagem, tomando por molde sua comparação ao ritual de passagem. Dentro dessas etapas são trabalhados assuntos como a motivação da viagem; o trânsito entre o cotidiano e o anticotidiano; o “rito de inversão” e as repercussões geradas pela viagem. O leitor é conduzido a essas reflexões, a partir de teorias sobre a viagem e o turismo, com trechos e falas dos filmes que se associam as mesmas.

Assim como o filme, o trabalho respeita a ordem das etapas da viagem, começando com a motivação da partida da personagem Liz, elementos da viagem em si, como o seu perfil e comportamento como turista, até chegar aos reflexos da viagem em seu aspecto pessoal. Para tal, a metodologia utilizada é baseada em revisão bibliográfica e análise de narrativa.

1. AS MOTIVAÇÕES PARA A PARTIDA DA PERSONAGEM VIAJANTE

A viagem é regida por fatores motivacionais que “determinam os motivos pelos quais as pessoas viajam” (LOHMANN; PANOSSO NETTO, 2008), elas podem estar relacionadas a descanso ou ao desejo de conhecer algo novo, podendo ser novas culturas; aprender um novo idioma e até mesmo conhecer novas pessoas. Também pode estar ligado ao simples status, desejo de autoestima e desenvolvimento pessoal. Um indivíduo pode apresentar diversas razões para viajar e, além do que se busca, deixar alguma coisa, fugir de algo, também é um motivo significativo, de acordo com Krippendorf (2009).

“Comer Rezar Amar” tem seu clímax formado a partir da decisão de viagem da protagonista e mostra os acontecimentos que precedem isso. Ele começa com a escritora em Bali. Ela vai escrever um artigo sobre a ilha e quer conhecer um xamã, então vai à procura de Ketut Liyer (Hadi Subiyanto), pois a recomendaram que o conhecesse. Quando o conhece ele lê sua mão e faz uma previsão sobre acontecimentos de sua vida, dentre eles, de que ela voltará a Bali e ficará lá por três ou quatro meses e vai ensinar sua língua a ele. Em troca ele a ensinará tudo o que sabe. A cena pula para seis meses depois, em Nova York, em uma festa na casa de sua amiga Delia (Viola Davis). Delia vai para o quarto trocar a fralda de seu bebê e chama Liz para acompanhá-la. No quarto Liz pergunta a Delia se ela se lembra do momento exato em que quis ter um filho e ela responde que não, mas que sempre teve uma caixa com objetos de bebês a espera de seu marido estar pronto para ser pai. Liz abre a tal caixa, admira e diz que também tem uma caixa como essa, porém com artigos sobre viagens e lugares que ela gostaria de conhecer antes de morrer. Delia diz a Liz que ter um filho requer certeza e vontade de se comprometer totalmente. Naquela noite Liz ficou pensativa, se questionando sobre a sua vida:

Estaria eu num casamento curto? Só compramos essa casa há um ano. Será que eu não queria isso? Eu tinha participado ativamente de cada momento da criação desta vida. Então porque que eu não me imaginava em nada disso? (COMER REZAR AMAR, 2010, 06'38" em diante)

Liz vai para cama, e seu marido, ainda acordado, fala sobre o convite que ela havia o feito para uma viagem e ela o responde baseada em seus pensamentos anteriores:

Stephen: - Eu não quero ir pra Aruba.

Liz: - Eu não quero continuar casada. (COMER REZAR AMAR, 2010, 10'20" em diante)

Na próxima cena ela está em uma livraria comprando livros de autoajuda e um dicionário de língua italiana. Os acontecimentos na trama seguem, e Liz conhece David (James Franco), um jovem e bonito ator, “um iogue de Yonkers”, como ela o descreve.

Liz: - Não diria que me apaixonei por ele. Na verdade, eu me separei e caí nos braços do David como um acrobata de desenho animado mergulha do alto de uma plataforma num copo d'água, desaparecendo completamente. (COMER REZAR AMAR, 2010, 14'56" em diante)

Liz continua tentando, sem sucesso, um acordo de divórcio com Stephen (Billy Crudup). Enquanto isso alguns conflitos começam a surgir na sua relação com David. Em uma cena Liz olha para sua caixa com seus artigos de viagens e pega um catálogo de Bali. Nele está um desenho que o xamã Ketut lhe deu meses atrás quando visitou a ilha. No mesmo dia, Liz tem uma conversa com sua amiga Delia e fala sobre como acordou cansada e preocupada com essa interminável fase ruim, com a falta de emoção e de excitação na sua vida e conta que quer viajar por um ano:

Eu quero ir para algum lugar onde eu possa me maravilhar com alguma coisa [...] Desde os 15 anos ou eu estava numa relação ou eu estava rompendo uma relação! Eu nunca me dei duas semanas de descanso pra, sei lá, pensar em mim! [...] Eu vou para Itália, depois vou para o ashram da guru do David na Índia e vou terminar o ano em Bali. É isso que eu vou fazer. (COMER REZAR AMAR, 2010, 24'20" em diante)

Elizabeth, arrumando suas coisas para a partida, recebe a notícia de que Stephen, finalmente, assina os papéis do divórcio.

Essa tensão inicial da trama faz pensar sobre o que leva a protagonista a partir. Liz está insatisfeita com a sua vida pessoal e sentindo a necessidade de ter um tempo para si mesma e o que ela decide fazer em busca disso é viajar.

A fala da protagonista sugere que a mesma deseja sair de sua conturbada rotina de relacionamentos em busca de algo que a compense ("me maravilhar com alguma coisa", "pensar em mim"). A busca pela felicidade tem regido os seres humanos, como afirma De Botton (2012) e, viajar é, para ele, uma das poucas atividades que evidenciam isso. Neste sentido, analisando os fatores motivacionais para uma viagem, Iso-Ahola (apud LOHMANN; PANOSSO NETTO, 2008) desenvolveu uma teoria que relaciona elementos psicológicos e sociais, como a fuga da rotina e as compensações a serem encontradas nos lugares de destino. Essa ideia de fuga e compensação se aproximam das ideias de Freud (2010) em que ele discute a necessidade que os indivíduos têm de criar mecanismos para fugir das pressões civilizatórias, conduzindo o raciocínio a partir da premissa de que se a sociedade impõe controles dos impulsos de vida e morte (prazer e conflito), ela também deve disponibilizar instrumentos para escapar disso.

As compensações e fugas também ganham espaço nas abordagens de Krippendorf (2009). Ele dialoga sobre as motivações da viagem e propõe que o turismo funciona como uma "válvula de escape" que permite uma folga das tensões. O indivíduo viaja, sobretudo, com um desejo de fuga de realidades incômodas do seu dia a dia, com a necessidade de se liberar procurando novas experiências.

A possibilidade de sair, de viajar, reveste-se de uma grande importância. Afinal, o cotidiano só será suportável se pudermos escapar dele, sem o que, perderemos o equilíbrio e adoeceremos. (KRIPPENDORF, 2009, p. 34)

Ao analisar o "Modelo existencial na sociedade industrial" proposto por Krippendorf (2009), pode-se compreender melhor como a viagem se insere no contexto de fuga, de escape dessas tensões. O autor explica que os indivíduos transitam por dois espaços – o cotidiano e o anticotidiano – entendidos como dois universos diferentes. O primeiro é composto pelas atividades corriqueiras, pelo dia a dia e tempo de trabalho, moradia e lazer. Por motivações e/ou influências externas o cotidiano abre-se para o exterior e o indivíduo pode vivenciar o lazer de outra forma, no horizonte das viagens, constituindo o anticotidiano.

Urry (2001) também trabalha essa dicotomia, porém utilizando-se de outros termos. Para ele o turismo se divide entre o ordinário (cotidiano) e o extraordinário, envolvendo perspectivas que induzem a experiências prazerosas, diferentes do que se vive no habitual.

[...] os objetos potenciais do olhar do turista precisam ser diferentes de algum modo. Precisam situar-se fora daquilo que é ordinário. As pessoas precisam vivenciar prazeres particularmente distintos, que envolvam diferentes sentidos, ou que se situem em uma escala diferente daquela com que se deparam na sua vida cotidiana. (URRY, 2001, p. 28)

Com isso é possível entender o que leva a protagonista a partir e o seu desejo de “ir para algum lugar onde possa se maravilhar com alguma coisa”. Liz quer ter um momento para si diante de algo novo, que lhe cause admiração e, como sugere De Botton (2012) a ideia de novidade e de mudança refletem no encanto por um lugar estrangeiro.

2. O PERFIL DA PERSONAGEM VIAJANTE

Felipe: - Nós dois somos “antevasins”, minha cara.

Liz: - O que é isso?

Felipe: - “Antevasin” é ... como se diz? Entre dois mundos. Aquele que mora na fronteira. Eles renunciam o conforto da vida em família e saem em busca da iluminação. (COMER REZAR AMAR, 2010, 1h55'32” em diante)

No decorrer da trama pode-se observar o comportamento de Liz como viajante, o que ajuda a entender melhor, correlacionando à sua busca e fuga, os desdobramentos de suas viagens. O objetivo aqui não é enquadrar a protagonista em um tipo de turista, até porque, como pondera Krippendorf (2009, p. 49), “o próprio viajante é um ser complexo, por isso é difícil classificá-lo numa categoria bem definida”. Além do que, como considera Turner (1994, apud BURNS 2002, p. 52), “a fantasia do turista permite-lhe assumir papéis sociais diversos”. A proposta é observar as características da personagem e o seu comportamento para entender como ele desencadeia as repercussões na viagem.

Em sua viagem à Itália, Liz conhece Sofi (Tuva Novotny) - uma jovem sueca que está há seis meses no país aprendendo o idioma - em um movimentado café de Roma e a partir daí começam uma amizade. Através dela é apresentada a Giovanni (Luca Argentero), jovem romano que passa a lhe dar aulas de italiano, que por sua vez a apresenta a novos amigos residentes da cidade – Luca Spaghetti (Giuseppe Gandini), Giulio (Andrea Di Stefano), Corella (Sophie Tompson), entre outros – formando, então, seu círculo de amizade na cidade. Na Índia Liz passa seus dias em um *Ashram* com outros devotos do guru Gita fazendo serviços gerais de trabalho voluntário e lá conhece a indiana Tushi (Rushita Singh) e o texano Richard, que se tornam seus amigos mais próximos nesta viagem. Em sua permanência na Indonésia a personagem vive uma troca de saberes com o nativo xamã Ketut (Hadi Subiyanto), aprendendo sobre os seus conhecimentos e o ensinando inglês; conhece e se torna amiga de Wayan (Christini Hakin) e sua filha, a menina Tutti (Anakia Lapae) e conhece também os brasileiros Armenia (Arlene Tur) e Felipe (Javier Bardem) – e com ele tem um relacionamento amoroso.

Urry (2001), dissertando sobre os diferentes olhares do turista, defende que eles podem ser “românticos”, quando mais individualizado e interessado na solidão própria da contemplação a natureza. Esse olhar advém de uma mudança de valores no século XVIII e início do XIX, em que os residentes das cidades industriais acreditavam se beneficiar passando curtos períodos longe das mesmas apreciando a natureza. Em contraposição, há o turista com olhar “coletivo”, que é aquele que sente vontade de estar em grupo, trocando saberes com outras pessoas, tanto outros turistas, quanto moradores da cidade visitada. Nesse contexto, Liz, diante de seu comportamento, estaria mais inserida neste último, pois apesar de decidir viajar sozinha, no decorrer de suas viagens ela não mantém um comportamento solitário. O que Liz apresenta em comum em todos os destinos que vai é sua socialização com os habitantes locais, sejam turistas como ela ou autóctones.

A personagem aprende o idioma local na Itália, ensina o seu idioma a Ketut na Indonésia, troca relatos de experiências e reflexões com quem convive em cada país visitado, passa ensinamentos e extrai aprendizados. Na leitura cognitiva de Cohen (1974, apud BURNS, 2002), Liz poderia se encaixar no grupo de turistas “alternativos e exploradores”, em que estes, “com suas permanências mais longas, terão um entendimento mais profundo de seus anfitriões e de sua cultura (conforme Cohen) e o aspecto da novidade será dominante” (BURNS, 2002, p.61). Levando em consideração esse aspecto da novidade desejada pela personagem viajante, ela também poderia se encaixar na tipologia de Plog (1973, apud LOHMANN; PANOSSO NETTO, 2008) de turistas “alocêntricos”, que gostam de conhecer pessoas de cultura diferente e se relacionar com elas e optam pela liberdade e flexibilidade nas atividades durante a viagem.

Em outra definição de turistas “alternativos”, feita por Krippendorf (2009), Liz cabe em algumas características atribuídas a esses, como ter mais contato com os moradores; não fazer questão das infraestruturas turísticas, acomodando-se de acordo com os costumes locais e utilizando os meios de transporte

público desses; além de serem munidos de informações sobre a viagem, que geralmente fazem sozinhos ou em pequenos grupos. Em mais uma abordagem de Krippendorf (2009), ele sugere que uma parte dos turistas deseja conhecer profundamente a comunidade que visitam, bem como seus habitantes. O que ocorre com a maioria desses, prosseguindo no raciocínio do autor, é que, provavelmente, por inibições, falta de experiência e segurança que os travam, não realizam essa vontade. Analisando a trama, pode-se presumir que a protagonista não possui essas inibições citadas pelo autor, conseguindo ter uma interação expressiva com os autóctones e turistas por onde visita.

Apesar de Krippendorf (2009) e Burns (2002) citarem descrições de análises de perfis de turistas em suas obras, eles ressaltam que as próprias experiências de viagens vividas pelo indivíduo são determinantes para construir o seu comportamento como turista e concordam que, por conta disso, os mesmos indivíduos podem ser vários tipos de turistas no decorrer de suas vidas. Burns (2002) ainda critica a falta de profundidade na análise advinda dessas tipologias. Para ele tais classificações estão repletas de estereótipos podendo ser tendenciosamente preconceituosas: “Os turistas podem escolher um destino por muitas razões, não necessariamente apenas uma. Eles podem nem mesmo escolher um destino como tal, mas, em vez disso, optar por um determinado tipo de férias” (BURNS, 2002, p.66)

Logo, Liz não necessariamente se enquadraria em uma definição exclusiva de um tipo de turista, mas muito de seu comportamento está dentro dessas definições e percebê-lo ajuda a compreender os desfechos da viagem.

3. AS REPERCUSSÕES DA VIAGEM

A trama de “Comer Rezar Amar” segue as etapas da viagem - o antes da viagem (seu tempo e espaços cotidianos em Nova York), a viagem em si pelos três países e a volta (que fica implícita pela compra das passagens para Nova York). Essas etapas da viagem podem ser comparadas a ritos de passagem, levando em conta seus três principais elementos, de acordo com Gennep (1960, apud BURNS, 2002): separação (quando o indivíduo sai da sua “vida normal”, sua sociedade comum); liminaridade (quando o indivíduo fica à margem por um período, após a separação e antes do próximo estágio) e incorporação (quando o indivíduo volta para sua sociedade com um novo status).

De forma similar, os peregrinos também são analisados por Turner (1973, apud URRY, 2001) que considera que os ritos de passagem vividos por eles estão divididos em três estágios: o primeiro consiste na separação socioespacial do lugar comum de residência; o segundo seria a liminaridade, no qual o indivíduo experimenta uma “antiestrutura” em que fica fora do lugar e do tempo e seus laços habituais são suspensos, vivendo uma “communitas” onde as ligações são intensas; por fim, o terceiro estágio é a reintegração ao grupo social anterior, em que o indivíduo volta com um status diferente. Ainda comparando o ritual de passagem dos peregrinos com o turismo, Urry (2001, p.26) cita Cohen (1988), Lett (1983) e Shields (1990), que concordam que “a exemplo do peregrino, o turista desloca-se de um lugar familiar para um lugar distante e então regressa ao lugar anterior”.

A viagem também pode ser compreendida como um ritual de passagem na “metáfora do trampolim” de Jafari (1995, apud PANOSSO NETTO, 2011), que explica o que se passa no psicológico do turista nas três fases da viagem – o antes, o durante e o depois. Percebe-se uma liminaridade entre cotidiano e anticotidiano nos estágios emocionais propostos pelo autor. Esses estágios são seis: WA - o cotidiano, onde se cria a motivação da viagem; AB – o ato de partida, onde o indivíduo se emancipa e separa do seu social habitual; BC – etapa completa do ato do turismo, o turista está no seu anticotidiano, é a animação; CD – é a despedida, uma repatriação ao corpo social cotidiano; DX – é a volta de fato, o reingresso ao corpo social comum e AD – vestígios do cotidiano que permanecem na ausência turística.

Dentro desse ritual de passagem, mais especificamente no anticotidiano, em que o turista se apresenta no estado de animação, um outro ritual pode ser posto em prática – o “rito de inversão”, que de acordo com Ouriques (2005), é quando o turista se comporta de maneira distinta daquela comum de seu local de origem. Turner (1978, apud URRY, 2001, p. 26-27), concorda sobre a existência dessa prática no turismo, a qual ele chama de situações “liminoides”, em que as funções cotidianas são suspensas ou invertidas. Há uma “licença

para um comportamento permissivo, alegre, “não-sério” e o encorajamento de uma “communitas” relativamente livre de restrições”. Essa suspensão temporária dos atributos cotidianos durante a viagem também é comentada por Talavera (2009) ao falar das atitudes de transição tomadas pelos turistas quando se afastam do seu lar.

Liz passa por esse rito de inversão na Itália, bem ilustrado no diálogo da cena em que ela vai a Nápoles com a sueca Sofi, em uma pizzaria recomendada por Giovanni. Após fazerem o pedido, quando o mesmo chega à mesa, Sofi sente-se culpada por estar comendo tanto, fica insegura com os quilos que ganhou e rejeita a pizza. Liz a incentiva a continuar, a se permitir e não ter inseguranças baseadas em padrões de beleza. Argumenta que esse tipo de controle é que teve em toda sua vida e não quer tê-lo por lá:

Estou tão cansada de dizer não e, de manhã lembrar tudo que comi no dia anterior. Contar cada caloria que consumi pra odiar minha medida no chuveiro. Eu vou comer! Não quero ser obesa. Só me livre da culpa. (COMER REZAR AMAR, 2010, 48'42” em diante)

Na última etapa da viagem, a volta para o cotidiano (o reingresso), são geradas algumas repercussões, como sugere Krippendorf (2009). O autor argumenta que o sujeito, quando viaja, tem no anticotidiano a oportunidade de vivenciar a alteridade (encontro com o outro) e novas sensações. Ou seja, o trânsito entre o cotidiano e o anticotidiano possui muitas interações que produzem consequências e efeitos no sujeito que viaja.

No decorrer do filme a protagonista passa por diversas situações de alteridade em que absorve aprendizados e leva como reflexão para si. Uma dessas situações, em sua estada na Índia, que pode ser colocada como exemplo, é o seu desabafo com o Richard, seu amigo texano que conheceu no retiro. Liz, nessa fase da viagem, busca uma devoção e paz dentro de si para curar-se do sofrimento, pois sente-se culpada por ter causado sofrimento ao ter pedido o divórcio. Porém não consegue obter sucesso nessa busca.

Liz: - Quando é que essa fase do sofrimento vai passar?
Richard: - [risos] Você quer um dia no calendário pra poder circular? [...] Medite, vá ao “serva”, e o mais importante, leia o “Gita” toda manhã. Alguma coisa vai mudar.
Liz: - Eu não consigo ler o Guru Gita. Eu não consigo ter esse sentimento de devoção.
Richard: - Tudo bem! Devoção é amor. Escolha algo ou alguém que queira ser devota. Não precisa ser a Guru, pra ela dá no mesmo. Tem a ver com você! (COMER REZAR AMAR, 2010, 1h07'46” em diante)

Nas próximas cenas da trama, a protagonista mostra que esse diálogo gerou alguma transformação nela, que ela conseguiu absorver a mensagem. Ela deixa transparecer isso na cena com Tulsi, a jovem indiana que conheceu e tornou-se amiga no retiro. Tulsi é uma menina muito devota e questionadora com relação as tradições e não estava feliz com o casamento que lhe era imposto. No dia da cerimônia do casamento, após findar, Liz conversou com a jovem sobre como finalmente conseguiu encontrar a devoção:

Liz:- [...] Eu queria dizer que eu tenho dedicado o meu “Guru Gita” a você. Imaginar você feliz foi o que me fez ir até o fim.
Tulsi: - [...] Muito obrigada, Liz. Isso me faz acreditar também. (COMER REZAR AMAR, 2010, 1h12'59” em diante)

Prosseguindo com a ideia de transformação pessoal, Todorov (2006) disserta sobre a importância do encontro com o outro para a descoberta de si, afirmando que “não se pode chegar ao fundo de si excluindo-se os outros” (p. 237-238). Ele utiliza Mounaigue (1967) para reforçar a ideia de que ao explorar o mundo o indivíduo explora a si mesmo, pois a viagem oferece o melhor meio de “polir o nosso cérebro pelo contato com os outros”. Tais perspectivas sobre alteridade e autoconhecimento são apresentadas na definição que McKean (1977, apud BURNS, 2002, p.50) faz do turismo, considerando-o um “desejo humano de conhecer os “outros”, com a possibilidade recíproca de conhecer a nós mesmos”. A viagem provoca contrastes e reflexões, como sugere Almeida (2013), permitindo que o indivíduo que viaja se apresente como sujeito transformado. Isso pode acontecer na sua volta ou até mesmo durante o percurso – como ocorre com Liz.

As reflexões provocadas pela viagem apresentam-se na percepção de De Botton (2002, p.111), que acredita que a viagem evoca questionamentos no sujeito viajante e propõe, ainda, que essas reflexões podem

surgir a partir de um lugar visitado. O autor cita o pensamento de Nietzsche (1873) em que ele discute a possibilidade da busca por conhecimento de vida durante as viagens - através do aprendizado com outras culturas e/ou com a história de um lugar visitado, que podem inspirar a reflexão.

Tais reflexões impulsionadas pela história de um lugar podem ser observadas em um dado momento do filme, que Liz, após um passeio em Roma, é inspirada pela história do cenário que visita e a partir disso toma a decisão de dar fim a seu recente relacionamento conturbado com David (James Franco). Envia um e-mail a ele no qual conta sua experiência neste local e a utiliza como metáfora para ilustrar sua reflexão e consequente decisão de não se prender a uma relação desgastada:

Um amigo me levou a um lugar incrível outro dia. Chama-se Augusteum [...] aí eu olhei esse lugar, o caos que ele suportou, como ele foi adaptado, queimado, devastado, reconstruído e me tranquilizei. Talvez minha vida não fosse tão caótica. O mundo que é! E a armadilha é nos apegarmos às coisas. A ruína é uma dádiva. A ruína é a estrada para a transformação. (COMER REZAR AMAR, 2010, 46'31" em diante)

Liz descobriu novidades prazerosas na Itália, alcançou a devoção e a paz na Índia e na Indonésia buscava encontrar o equilíbrio entre os prazeres terrenos e a devoção. A personagem, em sua estada no país, meditava todos os dias e visitava o xamã Ketut para ensinar-lhe inglês e ouvir seus ensinamentos. Essa sua rotina mudou um pouco a partir do momento que conheceu o brasileiro Felipe. Eles se tornam amigos, mas depois essa amizade se torna um namoro. Liz fica apaixonada e empolgada com essa relação e o sentimento de Felipe é recíproco.

Com o passar do tempo essa relação se torna mais intensa e Felipe, às vésperas da partida de Liz, a propõe que a história dos dois não termine com a sua volta a Nova York. Ele sugere que eles conciliem a rotina de viagens deles (ambos viajam muito a trabalho) e que ela inclua a Indonésia e o Brasil no seu roteiro. Por sua vez, ele incluiria o Estados Unidos no seu. Liz fica assustada com a proposta e recua. Ela tem medo de se envolver novamente e perder o equilíbrio que acreditava ter conquistado. Quando vai a casa de Ketut se despedir dele, e conta que o namoro findou pelo seu receio de perder o equilíbrio, surpreende-se com a resposta do velho xamã: "Liz, escuta Ketut. Às vezes, perder o equilíbrio por amor faz parte de uma vida equilibrada" (COMER REZAR AMAR, 2010, 2h16"05' em diante). Liz sente-se aliviada e feliz e começa a entender o que se passa dentro dela, mudando sua postura diante do medo das relações amorosas. Adia sua volta e vai atrás de Felipe para aceitar sua proposta.

O turista quando retorna ao seu cotidiano não é mais o mesmo que partiu (TALAVERA, 2009), pois volta repleto de experiências, emoções e lembranças. Dentro dessas perspectivas de efeitos causados pela viagem, Burns (2002) discorre sobre o ritual de passagem e a comparação do turista com o peregrino, e utiliza-se das ideias de MacCanell (1976) e Nash (1981) em que ambos concordam que turismo e peregrinação são uma forma de busca do sujeito pela autenticidade no seu "eu" através do outro. O autor, após estas comparações, considera que a viagem pode, conforme o envolvimento do turista com suas experiências locais, propiciar a autorreflexão e transformação pessoal.

Ao analisar o filme, o comportamento da protagonista e seu perfil como viajante, sua trajetória no decorrer da trama, percebe-se que ela se encontra dentro dos conceitos trabalhados pelos autores sobre as repercussões geradas pela viagem. Liz sai de Nova York, seu lugar comum de residência (cotidiano) e passa por interações no anticotidiano nos países que visita. Essas interações lhe provocam constantes reflexões sobre si mesma e antes de sua volta ela sente uma transformação pessoal. A protagonista, ao final da trama, identifica essa transformação e a credita às suas experiências de viagem:

No final passei a crer em algo que eu chamo de "física da procura": [...] se você tiver coragem de deixar tudo o que é familiar e conhecido, desde a sua casa até antigos ressentimentos, para partir numa jornada em busca da verdade, interna ou externa, e se dispuser a encarar tudo o que acontecer com você nessa viagem como uma pista e aceitar todos que cruzarem o seu caminho como professores, e se estiver preparado, acima de tudo, para aceitar e perdoar verdades duras sobre si mesmo, então a verdade não lhe será negada. (COMER REZAR AMAR, 2010, 2h16'32" em diante)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O filme “Comer Rezar Amar” permite abordar diversos assuntos relacionados à viagem. A sua estrutura narrativa é espontaneamente construída respeitando as etapas da viagem, o que propicia a reflexões sobre a mesma. A personagem Liz tem o anseio de viajar despertado por um desejo de viver algo novo e se admirar, pois se encontra desmotivada pelos seus dilemas com relacionamentos no seu cotidiano. Nas viagens que faz ela se permite explorar os lugares, interagir e aprender com as pessoas que conhece e aproveitar cada experiência e sensação que vive e a partir disso descobre aspectos sobre si mesma e alcança uma transformação pessoal.

Utilizar um filme como ilustração dessas reflexões tornam sua compreensão mais fácil, por ter elementos visíveis (apesar das reflexões não ser sobre elementos palpáveis). A trajetória de Liz, e as considerações propostas a partir dela, mostram que o simples ato de viajar envolve um conjunto de aspectos complexos. Dessa forma o trabalho, com suas reflexões de cunho antropológico sobre a viagem, sugere ainda, o quão interessante pode ser pensar sobre a mesma.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALMEIDA, / L. /G. /B. /de. /**O urbano escrito pelos personagens viajantes: /uma análise do filme Meia-Noite em Paris. /2013. /13 f. /TCC (Graduação) - /Curso de Turismo, /Turismo, /Universidade Federal de Juiz de Fora, /Juiz de Fora, /2013./**

BURNS, Peter. / **Turismo e antropologia: /uma introdução. /São Paulo: /Chronos, /2002. /**(Coleção Tours)./

COMER Rezar Amar. / Direção de Ryan Murphy. /Produção de Brad Pitt; /Dede Gardner. /Roteiro: /Ryan Murphy; /Jennifer Salt. /S.i: /Sony Picture, /2010. /((133 min.), /DVD, /son., /color. /Legendado./

DE BOTTON, /Alain. /**A arte de viajar. /Rio de Janeiro: /Intrínseca, /2012./**

FREUD, /Sigmund. / **Freud (1930-1936): / O mal-estar na civilização e outros textos. / São Paulo:/ Companhia das Letras, / 2010./**

GANCHO, /Cândida Vilares. /**Como analisar narrativas. /São Paulo: /Ática, /2002./**

KRIPPENDORF, /Jost. /**Sociologia do turismo: /para uma compreensão do lazer e das viagens. /3ª edição. /São Paulo: /Aleph, /2009./**

LOHMANN, /Guilherme; /NETTO, /Alexandre Panosso. /**Teoria do turismo: /conceitos, /modelos e sistemas. /São Paulo:/ Aleph, /2008./**

OURIQUES, /Helton Ricardo. /**A produção do turismo: / fetichismo e dependência. /São Paulo: /Alínea, /2005./**

PANOSSO NETTO, /Alexandre. /**Filosofia do turismo: /teoria e epistemologia. 2. /ed. /São Paulo: /Aleph, /2011./**

TALAVERA. /Agustin Santana. /**Antropologia do turismo: /analogias, /encontros, /e relações. /São Paulo: /Aleph, /2009./**

TODORV, /Tzvetan. /A viagem e seu relato. /**Revista de Letras, /São Paulo, /v. /6, /n. /1, /p./231-/244, /Jan./Jun. / 2006./**

URRY, /John. / **O olhar do turista: /lazer e viagens nas sociedades contemporâneas. /São Paulo: / Studio Nobel: /SESC, /2001./**